

A ciência também pode ser contraditória



Opinião

A. Betâmio de Almeida

“A ciência em momento algum é totalmente exacta, mas raramente é inteiramente errada.”

Bertrand Russell, in *My Philosophical Development*, 1959

O momento actual tem-nos rodeado com muitas incertezas. Mas o que seria a vida humana sem incertezas? Para as superar, a humanidade tem encontrado amparos: a tradição, o mito, a amizade, a religião, a ciência e as técnicas são exemplos. Um modo eficaz de afastar uma incerteza tem o conhecimento como raiz, ou seja, uma “crença considerada como ‘verdadeira’ (com convicção) mas devidamente justificada”. Numa pandemia, a humanidade recorre à ajuda mais credível em cada época. Em 2020, o conhecimento científico (baseado nas ciências da saúde) justificou medidas e algumas decisões. Muitos Governos rodearam-se de comissões científicas: o exemplo português foi louvado. Mas não é suficiente a relação ciência-decisores políticos para nos tranquilizar. Em 2020, a representação da opinião pública exige mais. Exige-se informação sem contradições, perfeita.

A escolha pela ciência é o resultado da ideia de uma relação íntima com a realidade, não obstante as diversas posições contraditórias sobre essa relação. H. Poincaré (1854-1912) disse que a

ciência nada nos pode ensinar sobre a verdade e J. Lacan (1901-81) disse, em *A Ciência e a Verdade*, que a ciência se caracterizaria por uma disjunção dos campos da verdade e do saber. Temos matéria para um mestrado: a análise das diversas posições de cientistas, cientistas-filósofos, filósofos da ciência, filósofos e outros sobre a referida relação. Há posições antagónicas (por exemplo, realismo e anti-realismo) e outras mais subtis como o perspectivismo. Para a opinião pública, tudo isto está na “face oculta da Lua”.

Durante o século XX, a física absorveu “realidades” novas e contraditórias à luz da ciência anterior: a gravidade como curvatura do espaço-tempo, os diferentes tipos de geometria, a estupefacção dos efeitos da relatividade, o dualismo onda-partícula ou o princípio de incerteza e indeterminação. O extraordinário da ciência é talvez a capacidade de prescindir do desejo de dominar a Verdade e ter como objectivo fundamental propor hipóteses ou teorias para dominar e prever efeitos, aceitando, quando necessário, contradições. Mas para o conhecimento científico ter sucesso deve “ser devidamente justificado”. Eis aqui a chave. Deve seguir um processo, um caminho de pedras”: discussão e competição, confronto com factos, validação, aplicação e consolidação, aceitação, divulgação e ensino. Este processo leva muito tempo e ocorre discretamente em instituições científicas, fora da comunicação social.

Anos atrás, defendeu-se, com bons argumentos, uma “sociedade

do conhecimento”. Essa época passou e sentimos agora a “sociedade da comunicação” na qual as informações tendem a tornar superficiais os conhecimentos. Assim, em período de pandemia, os especialistas da saúde são chamados a dar informações ao público sobre o que sabem de vírus antigos e sobre o novo vírus (na foto), ainda muito desconhecido, e sobre medicamentos e vacinas inexistentes. Perguntas feitas em directo, em noticiários, como se os entrevistados seguissem uma bíblia com certezas.

A comunicação é agora uma necessidade que não conhece limites. Pedem-se números, previsões, opiniões de virologistas, epidemiologistas e médicos. Ouvem-se algumas perguntas que extravasam o conhecimento científico mas que muitas vezes são respondidas na qualidade de cidadãos com opiniões. Nem todos os convidados reagem do mesmo modo, mas a falta de contraponto faz a ciência parecer detentora de verdades absolutas, mesmo quando o conhecimento científico é ainda muito incompleto e não consolidado.

É natural que os especialistas manifestem algumas concordâncias, mas que também tenham opiniões diferentes: por exemplo, a distância física de segurança. Acontece o mesmo nas doenças já conhecidas, sendo normal pedir uma segunda opinião médica. O caso das polémicas internacionais sobre medicamentos e anúncios de avanços em vacinas é paradigmático e evidencia o facto de algumas notícias científicas não

serem neutras. Podem estar influenciadas por interesses comerciais ou então o currículo justificar publicações apressadas, por vezes sem revisão dos pares, mas que perturbam o rigor científico das informações. Nas redes sociais é pior: há muita irracionalidade e má-fé.

As autoridades e os políticos foram obrigados a comunicar através de múltiplas conferências de imprensa, com o risco de gerarem discrepâncias de interpretação. A OMS e a DGS de Portugal são com frequência vítimas desta percepção. Mas há uma outra razão. Não esqueço o que ouvi numa entrevista televisiva em directo da Califórnia. Numa praia, um cidadão sénior disse: “Compreendo que eles [as autoridades] têm razão, mas não gosto que me digam.” Eis os desejos contrariados! Ainda não encontrei quem não conheça as medidas de protecção básicas muito divulgadas (a maioria delas com séculos), mas há desejos pessoais ou necessidades profissionais que se sobrepõem. As barreiras contra desejos ocultos são penosas e há uma compensação simples: “As informações são contraditórias!” Em vez da sociedade do conhecimento e da responsabilidade pessoal, surge a tendência de menorização e de robotização dos cidadãos face aos riscos. Curiosamente, as muitas informações traumatizantes sobre previsões económicas, face às quais o cidadão não se pode proteger, nunca estão sob o cutelo

da acusação de contradição. O cidadão é considerado racional na economia mas confuso na saúde. Porque será?

Para o melhor conhecimento deste vírus e da protecção contra a contaminação, a comunicação social pode ajudar divulgando mais conhecimentos aprofundados sobre a doença e menos opiniões. Para incentivar a gestão de desejos e necessidades contraditórios, pois, como disse David Hume (1711-76), não devemos confundir o facto (ciência) com o que podemos fazer (acção). Saber decidir face a situações com contradições é uma capacidade primordial do ser humano. Não a percamos!

**Professor catedrático (emérito)
do Instituto Superior Técnico**

“

É natural que os especialistas manifestem algumas concordâncias, mas que também tenham opiniões diferentes: por exemplo, a distância física de segurança

